

AFONSO CHAVES: A SENSIBILIDADE DE UM HOMEM DA CIÊNCIA AO SERVIÇO DA IDENTIDADE AÇORIANA

IVA MATOS COGUMBREIRO*
JOÃO COGUMBREIRO**

Fecha de recepción: 30 de julio de 2023

Fecha de aceptación: 7 de septiembre de 2023

Resumen: A obra fotográfica de Afonso Chaves (1857-1926), naturalista e meteorologista açoriano, é tão ampla quanto particular, nela coexistindo a ciência e a arte. O seu trabalho sistemático de recolha de imagens, executado maioritariamente em estereoscopia, com fins científicos, conhecimento e pura fruição contribuiu decisivamente para a colocação dos Açores no mundo e ao serviço da ciência. Do vasto espólio fotográfico de Afonso Chaves destacam-se os temas da meteorologia, da baleação e da oceanografia como exemplificativos da inovação do autor na edificação de uma identidade açoriana.

Palabras claves: Património fotográfico; Açores; Arte; Ciência; Identidade: Arquivo; Meteorologia; Oceanografia.

Abstract: The photographic work of Azorean naturalist and meteorologist, Afonso Chaves (1857-1926) is as vast as it is particular, in which science and art coexist. His methodical work in capturing images, mostly in stereoscopy and for scientific purposes, along with his knowledge and pure fruition greatly contributed to the placement of the Azores in the world and in favor of science. From Afonso Chaves's extensive private archive the topics of meteorology; whaling and oceanography stand out as proof of the author's innovation in the edification of an Azorean identity.

Key words: Photographic heritage; Azores; Art; Science; Identity: Archive; Meteorology; Oceanography.

* Máster en Economía y Políticas Públicas / Economía de la Cultura. Especialización en Biblioteca y Documentación. Licenciada en Filosofía. Directora de la Biblioteca Pública e Archivo Regional de Ponta Delgada, Azores. Correo electrónico: isabel.im.garcia@azores.gov.pt.

** Máster en Turismo Internacional. Licenciado en Lenguas y Literaturas Modernas. Miembro de la dirección de la Sociedade Afonso Chaves y descendiente de Francisco Afonso Chaves. Correo electrónico: joao.cogumbreiro@bhc.pt.

INTRODUÇÃO

O enquadramento da ação dos fotógrafos nos Açores é o ponto de partida para a apresentação de Francisco Afonso Chaves, cuja relevância na história da fotografia é apenas reconhecida no século XXI. Ilhas Atlânticas de confluência entre o novo e o velho mundo, os Açores beneficiam da posição estratégica para incorporar as tendências correntes. Ao nível da ciência, observa-se uma centralidade que possibilita a afirmação do Arquipélago como laboratório científico e fonte de informação, na qual a fotografia desempenha um papel preponderante. Francisco Afonso Chaves é nos Açores o representante maior do movimento científico naturalista da viragem do século XIX para o século XX, pela persistência da sua ação, abrangência e reconhecimento internacional. É o mais profissional dos amadores da fotografia nos Açores, utilizando-a como instrumento para a ciência, mas dotando-a de sensibilidade ímpar, própria do *dealbar* do modernismo. O acervo documental e a sua história custodial importam para a caracterização do autor e, igualmente como fonte de informação para futuros estudos. O legado deste acervo documental, pouco conhecido e investigado, aponta para prováveis fundamentações de uma certa identidade açoriana que vai para além das idílicas ilhas da felicidade, constituindo-se elas próprias numa centralidade científica relativa a um último paraíso natural acessível ao homem.

OS FOTÓGRAFOS NOS AÇORES: BREVE ENQUADRAMENTO

Data de 1845¹ a referência a Marcellin Turpin como primeiro fotógrafo daguerreotipista estabelecido nos Açores. Vivendo do ensino da língua francesa desenvolvia o trabalho de fotógrafo em

1. ENES, Carlos. *História da fotografia nos Açores: cultura Açores*. [Em linha]. (Consult. 28 jan. 2023). Disponível na Internet: <http://www.culturacores.azores.gov.pt/aia/fotografia/Historia.aspx>.

Ponta Delgada, de forma amadora tal como António Ferreira Boralho (1853) e os que se lhe seguiram. Noutras ilhas, em particular nas ilhas Terceira e Faial, o fenómeno repete-se. Há registo, sobretudo em anúncios da imprensa, de outros fotógrafos até ao início do século XX, cujas tentativas de sobrevivência exclusiva a partir deste ofício foram sendo substituídas por outras profissões ainda que remanesçam registos das suas obras um pouco por todos os Açores.

Apesar de isoladas e distantes, as ilhas açorianas registavam influências de ambos os lados do atlântico, com maior incidência dos Estados Unidos². Um dos mais conhecidos fotógrafos micaelenses foi António José Raposo, discípulo do fotógrafo Reckell, que já tinha estabelecimento na rua da Esperança na cidade de Ponta Delgada. António José Raposo utilizava clichés do seu antecessor e mestre sendo muito provável que algumas das fotos mais antigas, a ele atribuídas, sejam afinal reproduções do trabalho do seu mestre. A título de exemplo, são deste atelier e de Pacheco Toste os retratos do poeta micaelense Antero de Quental datados de 1887. Ilhas de confluência económica e social, os Açores não estão afinal, neste período, muito longe dos desenvolvimentos e práticas da fotografia no mundo ocidental. Nesta fase, verifica-se já nos Açores a existência de publicações com fotografias coladas. Salientam-se as atribuídas a Mariano José Machado³, nas quais coloca fotografias de vistas panorâmicas, provavelmente com fins de divulgação turística. Este fotógrafo «foi discípulo de Miller e, em conjunto com Nesbitt, adquiriu todo o material que pertencia ao primeiro, abrindo estúdio»⁴. A par das publicações referidas, poucos anos depois

2. ENES, Carlos. *A fotografia nos Açores: dos primórdios ao terceiro quartel do século XX*. [Angra do Heroísmo]: Presidência do Governo Regional dos Açores, Direção Regional da Cultura, 2011.

3. MACHADO, Mariano J. *Almanach das Bellas Artes para 1869*. Ponta Delgada: Typ. do Ecco Social, 1869; *Idem. Uma viagem à ilha de Santa Maria*. [Ponta Delgada]: Typ. M.A. Tavares, 1870.

4. ENES, Carlos. *A fotografia nos Açores: dos primórdios ao terceiro quartel do século XX*. *Op. cit.*

é editada uma curiosa monografia⁵, utilizando também fotografias coladas, mas desta feita para fins científicos antropológicos por Francisco Arruda Furtado, correspondente de Darwin.

Em 1857, ano de nascimento de Francisco Afonso Chaves em Lisboa, Dubois, cidadão francês «acreditado artista e dentista, bem conhecido do povo lisbonense»⁶, apresentou-se na cidade de Ponta Delgada como retratista em daguerreotipo e também formador da arte de retratar. Afonso Chaves já não terá encontrado este atelier fotográfico quando se fixa nesta cidade aos 3 anos de idade. Encontrou decerto a Photographia Central, conhecida posteriormente por Foto Toste, da qual existem anúncios na imprensa por volta do ano de 1879, reveladores de uma constante atualização com a aquisição dos mais diversos tipos de máquinas, atestando inclusive a realização de uma viagem aos Estados Unidos da América, feita em 1900, pelo próprio Toste com o objetivo de aperfeiçoar o seu método de trabalho.

Verifica-se nos Açores uma certa centralidade atlântica que, apesar da edílica paisagem e intocável natureza, não antevia na fotografia ali realizada grande volume de trabalho ou intencionalidade a favor do turismo ou da ciência. É neste contexto que se desenvolve o trabalho fotográfico de Francisco Afonso Chaves. A este propósito, a investigação de Vítor dos Reis⁷ instala novo interesse no acervo fotográfico e na personalidade de Francisco Afonso Chaves⁸ inscrevendo-o no patamar das figuras chave da

5. FURTADO, Francisco Arruda. *Materiaes para o estudo anthropologico dos povos açorianos*: Ponta Delgada: [Typ. Popular], 1884.

6. ENES, Carlos. *A fotografia nos Açores: dos primórdios ao terceiro quartel do século XX*. *Op. cit.*

7. Vítor dos Reis é licenciado em Artes Plásticas-Pintura pela ESBAL (1990) e doutorado em Belas-Artes / Teoria da Imagem pela Universidade de Lisboa. Pós-doutorado em Teoria da Imagem sobre as relações entre arte e ciência na obra fotográfica estereoscópica do naturalista Francisco Afonso Chaves (1857-1926). Professor Auxiliar (Área de Arte Multimédia) e investigador do CIEBA e Faculdade de Belas Artes da Universidade de Lisboa.

8. REIS, Victor; TAVARES, Emília. *A imagem paradoxal = The paradoxal image: Francisco Afonso Chaves (1857-1926)*. [Lisboa]: MNAC-Museu do Chiado, 2017.



Portas da Cidade, Ponta Delgada, s/d. MCM, Coleção Afonso Chaves, 161.



Cais, Ponta Delgada, s/d. MCM, Coleção Afonso Chaves, 1464.

história da fotografia em Portugal⁹. Enquadra este extenso espólio fotográfico, descoberto no Museu Carlos Machado em 2010, no movimento da moderna fotografia «solidamente inserida numa tradição cultural e ao mesmo tempo capaz de a enfrentar, arriscando a liberdade da experimentação, testando constantemente os limites do meio, da linguagem e das formas que a moldavam»¹⁰. Por outro lado, e aqui reside também o interesse no estudo deste fotógrafo, é uma obra que está para além das ilhas, colocando-as no centro do mundo e, paralelamente, trazendo o mundo até elas.

A CENTRALIDADES DOS AÇORES PARA A CIÊNCIA DO SÉCULO XIX AO INÍCIO DO SÉCULO XX

A partir de meados do século XIX constata-se alguma atualidade dos Açores na área da fotografia conforme publicitado na imprensa local sobre os avanços técnicos e novos instrumentos existentes em ambos os lados do Atlântico. Também na ciência é relevante a situação geográfica privilegiada deste Arquipélago, como laboratório marítimo, terrestre e aéreo, no qual era possível registar e estudar os mais variados fenómenos.

Em 1853 realiza-se, em Bruxelas, a primeira Conferência Internacional de Meteorologia, da qual surgiu um sistema global e uniforme de observações meteorológicas marítimas, autonomizando esta ciência face às disciplinas relacionadas com o ambiente físico terrestre, como o magnetismo terrestre, a oceanografia física e a hidrologia. Assiste-se a este nível, igualmente, à construção científica do mundo Atlântico¹¹. De facto, o diálogo da

9. REIS, Victor. «O fotógrafo estereoscópico: a descoberta da obra fotográfica de Francisco Afonso Chaves (1857-1926)». *Estúdio*, vol. 1, n.º 2 (2010), pp. 50-56.

10. REIS, Victor; TAVARES, Emília. *A imagem paradoxal = The paradoxal image: Francisco Afonso Chaves (1857-1926)... Op. cit.*

11. TAVARES, Conceição. *Alberto I do Mónaco, Afonso Chaves e a Meteorologia nos Açores: episódios oitocentistas da construção científica do mundo atlântico.*

Europa com o outro lado do Atlântico passa a ser central na história da ciência, assistindo-se por vezes à primazia dos conhecimentos e práticas do chamado novo mundo. Numa época em que a telegrafia afirmava a sua importância, subsiste a necessidade de desvendar os enigmas das «vagas atmosféricas» que chegam sem aviso à Europa. A este propósito, vem de Paris a primeira referência aos Açores como o local por onde passavam as tempestades que assolam a Europa.

Em 1864 é referida a necessidade de fixar uma «sentinela no Atlântico»¹² para poder enviar dados meteorológicos, em tempo útil, para o centro da Europa. A troca de correspondência entre os homens da ciência de França e de Portugal¹³ atesta essa necessidade que foi, posteriormente, cumprida através de postos de observação meteorológicos tanto na Madeira, como nos Açores.

Afirma-se, neste período, a importância do mar para a ciência, para a qual foram dados muitos e valiosos contributos pelos soberanos de Portugal e do Mónaco. Ambos partilharam a paixão pelo mar financiando e fazendo parte de expedições científicas marítimas de enorme relevância. Das vinte e oito campanhas oceanográficas lideradas por Alberto I, príncipe de Mónaco, treze são aos Açores. A reconhecida e extensa equipa de cientistas almejava essencialmente, o conhecimento dos mares e da vida marinha. Estava implícito o interesse pela meteorologia e, sobretudo, pela importância estratégica dos Açores no envio de dados para prever o estado do tempo na Europa.

Em 1887, a bordo do *Hirondelle*¹⁴ dá-se o primeiro encontro¹⁵ entre o príncipe Alberto I e Francisco Afonso Chaves. Estabele-

Ponta Delgada: Sociedade Afonso Chaves; Centro Interuniversitário de História das Ciências e da Tecnologia, 2009.

12. *Ibidem*.

13. Correspondência de U. LeVerrier e Fradesso da Silveira cit. por TAVARES, Conceição. *Alberto I do Mónaco, Afonso Chaves e a Meteorologia nos Açores...* *Op cit.*

14. Escuna do Príncipe Alberto I de Mónaco, adquirida em 1873.

15. Registado no Diário do Príncipe Alberto I de Mónaco.

ceu-se uma sólida relação entre os dois, consolidada por interesses comuns, tornando-se Afonso Chaves o interlocutor privilegiado do príncipe junto da pequena comunidade científica açoriana¹⁶. A correspondência com muitos dos cientistas que participavam nas campanhas oceanográficas aos Açores, o envio de dados para estudo nos centros de produção científica da Europa e o espírito de rigor científico de Afonso Chaves são a pedra de toque para uma aproximação mais personalizada com o príncipe, que se intensifica a partir da década de noventa. Pela correspondência trocada ente ambos, da qual há referência no Musée Océanographique de Mônaco, no Institut Océanographique-Fondation Albert 1er, Prince de Monaco, em Paris, e também no Arquivo Regional de Ponta Delgada confirma-se esta segura afinidade de interesses. As fotografias enviadas por Afonso Chaves para a comunidade científica internacional ocorrem, em larga escala, na esfera da influência deste príncipe naturalista. A maioria das fotografias conhecidas de Albert I nos Açores são também da autoria deste açoriano com quem o príncipe cultivou laços de amizade, consideração e confiança pessoal.

A partir de 1893 a ligação telegráfica, por cabo submarino entre os Açores e o continente facilita a troca de informação e intensifica o envio de dados. Francisco Afonso Chaves continua a fotografar tudo o que considera relevante para a ciência. Regista as imagens de forma sensível, típica de um homem moderno, com enquadramentos raros e inovadores para a época. A sua inteligência era luminosa, sendo igualmente dotado de uma capacidade de trabalho impressionante e curiosidade de espírito que não se limitava às ciências, mas englobava também a história e as artes¹⁷.

16. CARPINE-LANCRE, Jacqueline. *Le prince Albert 1er de Monaco*. Monaco: Centre Scientifique de Monaco, 2004; *D. Carlos, de Bragança. A paixão do mar*. Lisboa: Parque Expo 98: Fundação da Casa de Bragança; Marinha Portuguesa, 1996.

17. CARPINE-LANCRE, Jacqueline. «Francisco Afonso Chaves: homme de science, homme de bien». *Boletim do Museu Municipal do Funchal (História Natural)*, Suplemento n.º 6 (2001), pp. 199-203.



Charles Richet e Afonso Chaves, Ponta Delgada, ca. 1911. MCM, Coleção Afonso Chaves, 2722.



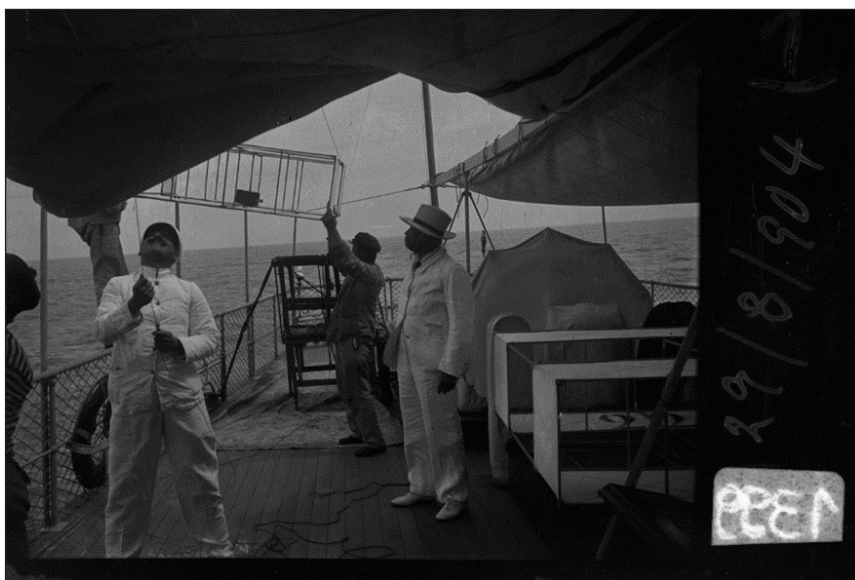
Charles Richet e Afonso Chaves, Ponta Delgada, ca. 1911. MCM, Coleção Afonso Chaves, 2723.



Ensaio com balões para a Atmosfera, 1905. MCM, Coleção Afonso Chaves, 1670.



*Observatório Magnético, Fajã de Cima, 1903. MCM,
Coleção Afonso Chaves, 1470.*



*Ensaios Atmosféricos, Príncipe Alberto I de Mônaco, 1904. MCM,
Coleção Afonso Chaves, 1399.*



*Coleção de História Natural do Rei D. Carlos, 1904. MCM,
Coleção Afonso Chaves, 1502.*



Cachalote, s/d. MCM, Coleção Afonso Chaves, 6298.



*Caça ao cachalote, Porto das Capelas, 1898. MCM,
Coleção Afonso Chaves, 6188.*



*Príncipe Alberto de Mônaco e Afonso Chaves, 1920. MCM,
Coleção Afonso Chaves, 5814.*

Afonso Chaves partilha com Alberto I de Mónaco a visão do futuro da ciência tendo como linha de força a importância do Oceano. Um discurso de Alberto I de Mónaco, datado de 1921¹⁸, perante uma assistência de relevante interesse, entre os quais se inclui Albert Einstein, reconhece o legado do oceano para a ciência, aos quais os arquipélagos atlânticos, em especial os Açores, estão indelevelmente ligados, numa centralidade e reconhecimento crescente fora de portas.

AFONSO CHAVES (1857-1926): O HOMEM E A OBRA

Filho de um deputado açoriano às Cortes, Francisco Afonso Chaves¹⁹ residiu em Ponta Delgada, ilha de São Miguel, desde criança até ao fim da vida. Apesar do pai ser um grande proprietário da ilha, não beneficiou de fortuna, mas de condições para estudar em Lisboa de onde era natural a sua mãe. Pertencia à elite micaelense na qual existiam condições para cultivar interesses eruditos. Formado pela Escola do Exército fez carreira militar ascendendo a coronel. Autodidata, com interesses bastante alargados, cedo se interessou pela meteorologia, astronomia, oceanografia e botânica o que enquadra o seu estudo e vivência no âmbito do naturalismo. A curiosidade intelectual de Francisco Afonso Chaves não se limitava às inúmeras disciplinas científicas já mencionadas, pois a história e a criação artística dos Açores interessavam-no igualmente. Estava sempre ao corrente das novidades literárias tal como se observa nas alusões discretas em toda a sua correspondência. Os progressos tecnológicos eram alvo da sua atenção, quer fosse a fotografia, os automóveis

18. ALBERTO I DE MÓNACO. «Discurso sobre o Oceano por S.A.S. Alberto I de Mónaco proferido na Academia Nacional das Ciências de Washington, a 25 de abril de 1921». *Bulletin de l'Institut Oceanographique*, n.º 392 (25 jun. 1921).

19. TAVARES, Conceição. *Alberto I do Mónaco, Afonso Chaves e a Meteorologia nos Açores: episódios oitocentistas da construção científica do mundo atlântico...* Op. cit.

ou a telegrafia sem fio²⁰. Dirigiu o Observatório Meteorológico de Ponta Delgada a partir de 1893 sendo um dos principais incentivadores de uma verdadeira rede de comunicação de dados para a Europa. O estabelecimento de um Serviço Meteorológico nos Açores, tal como preconizavam os cientistas e o príncipe Alberto I de Mônaco, teve por base o projeto de Afonso Chaves, que o implementou com sucesso. A curiosidade naturalista de Afonso Chaves possibilitou criar pontes para outras áreas científicas como a sismologia, estudos sobre o magnetismo terrestre, observação e medição da ondulação no Atlântico. Manteve a prática da zoologia e história natural contribuindo para o conhecimento e preservação de várias espécies dos Açores. Realizou estudos geodésicos e experiências sobre a circulação do ar nas camadas mais altas da atmosfera, informação indispensável para a navegação transatlântica da nova era que se adivinhava.

Colaborador de organismos internacionais, nunca descuroou uma atitude cívica ativa e interventiva como cidadão na comunidade onde vivia valendo-lhe reconhecimento ao nível civil e militar.

Representou Portugal em diversos congressos internacionais e nacionais através de conferências e da publicação de trabalhos científicos em revistas e jornais. Foi membro do Comité Meteorológico Internacional, da Sociedade de Geografia de Lisboa, do Conselho Científico do Instituto Oceanográfico do Príncipe Alberto I do Mônaco e de outras organizações de renome internacional.

As viagens²¹ foram, para Afonso Chaves, laboratório de experiências e espaço formativo e integrador²². A sua elegante des-

20. CARPINE-LANCRE, Jacqueline. «Francisco Afonso Chaves : homme de science, momme de bien». *Op. cit.*

21. Afonso Chaves não tinha fortuna pessoal que possibilitasse o financiamento das inúmeras viagens que realizou ao longo da vida. Com financiamentos diversos para a realização das viagens, entre os quais pelo príncipe Alberto I de Mônaco, considera-se relevante o apoio do seu único cunhado José de Medeiros Cogumbreiro, proprietário, comerciante e detentor de fortuna considerável.

22. TAVARES, C. *Alberto I do Mônaco, Afonso Chaves e a Meteorologia nos Açores: episódios oitocentistas da construção científica do mundo atlântico...* *Op. cit.*

treza, socialização e poder de persuasão foram amplamente utilizados a favor da estratégia de posicionamento dos Açores nos circuitos nacionais e internacionais.

Francisco Afonso Chaves viveu praticamente toda a sua vida nos Açores, o espaço de trabalho no qual, maioritariamente, colhia informação, estabelecendo-se como um nome incontornável neste arquipélago e em Portugal. O curso geral da Escola do Exército, frequentado entre 1875 e 1879, terá sido ocasião para um contacto mais fundamentado com as técnicas da fotografia. Desconhece-se, no entanto, quando terá começado a fotografar, sendo que as primeiras fotografias enviadas para outros naturalistas são instrumento para os seus trabalhos científicos. Testemunho da importância da fotografia de Afonso Chaves para a ciência são as três imagens de cachalotes publicadas num artigo científico de 1890²³. Estas fotografias da autoria de Afonso Chaves foram enviadas para o centro da Europa tendo sido anunciadas como as primeiras fotografias científicas do cachalote²⁴. Afonso Chaves estava ao corrente dos desenvolvimentos da fotografia a nível mundial, tal como comprova a correspondência²⁵ existente no seu espólio sobre a procura de melhores e mais atualizadas técnicas, assim como as viagens e visitas a exposições, destacando a *lecture* sobre fotografia referida nos seus diários²⁶. Disso é tes-

23. CHAVES, Afonso; POUCHET, Charles. «Des formes extérieures du Cachalot». *Journal de l'anatomie et de la physiologie de l'homme et des animaux*. Paris (1890).

24. REIS, Victor. «The first “scientific photographs” of a sperm whale (1890): Francisco Afonso Chaves and the wonderful inaccuracy of image». *Images revues: histoire, anthropologie et théorie de l'art*, n.º 19 (2021). [Em linha]. (Consult. 28 jan. 2023). Disponível na Internet: <https://journals.openedition.org/imagesrevues>.

25. Resultado de uma rápida pesquisa na correspondência destacam-se os destinatários Sylvestre Rosa Koehler; Frederic E. Ives; Rey & Braga Gross; Casa J. Tonnelot e a Casa Machenstein.

26. Diário de 1898-Dia 2 de maio acompanhando o príncipe Alberto I a Londres, num dia livre de compromissos foi visitar, com Jules Richard, uma exposição de fotografia tendo assistido a uma *lecture* de fotografia a cores.

temunho também a referência que faz ao trabalho de fotografia a cores, em Paris, numa carta a Jules de Guerne, datada de 18 de março de 1892.

Utiliza a fotografia com a mestria de um especialista, na qual imprime uma sensibilidade ímpar. A este nível, as imagens de beleza e enquadramento singulares tiradas por Francisco Afonso Chaves são transversais a todo o acervo, atestando-se igualmente o sentimento do Sublime nas mesmas, tal como exemplifica o expressivo discurso²⁷ sobre as suas impressões estéticas perante o impacto do nascer do sol iluminando a cidade do Cabo, aquando da sua viagem feita a África em 1906²⁸.

A sua obra fotográfica é entendida como «(...) estruturalmente moderna, onde por via de um diálogo entre ciência e arte, muitas imagens constituem uma forma de autorrepresentação distinta do habitual conceito de autorretrato»²⁹, exprimindo uma liberdade de representação do real diferenciada de uma sensibilidade estética inovadora característica da modernidade. Por outro lado, este acervo representa a consagração da importância da fotografia para ciência e o reforço do lugar dos arquipélagos atlânticos na construção do conhecimento científico³⁰.

A confluência dos vários interesses de Afonso Chaves enquadra-o no âmbito do estudo de temáticas diversas. A sua importância para a história dos Açores situava-o até 2010, maioritariamente e quase em exclusivo, no âmbito científico com incursões na etnografia. Todavia, os estudos inaugurados por Victor dos Reis colocam Afonso Chaves num outro patamar, o da arte. A sensi-

27. CHAVES, Francisco Afonso. Carta-telegrama enviado da cidade do Cabo, África do Sul. 19 de junho de 1906. Espólio Particular Francisco Afonso Chaves (EPFAC). Biblioteca Pública e Arquivo Regional de Ponta Delgada.

28. Cit. REIS, Victor, TAVARES, Emília. *A imagem paradoxal = The paradoxal image: Francisco Afonso Chaves (1857-1926)... Op. cit.*, pp. 132-137.

29. Cit. REIS, Victor. «O fotógrafo estereoscópico: a descoberta da obra fotográfica de Francisco Afonso Chaves (1857-1926)». *Revista Estúdio*, vol. 1, n.º 2, pp. 50-56.

30. TAVARES, C. *O olhar fotográfico de Francisco Afonso Chaves (1857-1926)*. Ponta Delgada: Biblioteca Pública e Arquivo Regional de Ponta Delgada, 2010.



*Afonso Chaves junto a um instrumento agrimensor,
São Miguel, 1918. MCM, Coleção Afonso Chaves, 3243.*



Observatório St. Maur, 1898. MCM, Coleção Afonso Chaves, 6300.



Afonso Chaves e Francisco Cogumbreiro, 1913, postal. Coleção particular.

bilidade rara do cientista Afonso Chaves, eleva-o definitivamente, como edificador de uma certa identidade açoriana, através da fotografia em particular. Este olhar diferenciado sobre o mundo, nele incluído, é facilitador da viagem para além da insularidade. Permite o acesso ao mundo inexplorado, mediado pela objetiva de um homem inserido no seu tempo.

○ ACERVO DOCUMENTAL: CORRESPONDÊNCIA, FOTOGRAFIA E DIÁRIOS

Dotado de disciplina no trabalho e metodologia científica, Afonso Chaves foi organizando, em vida, o que produzia e compilava. Este acervo documental, composto por correspondência, imagens fotográficas e diários, reveste-se de significativo interesse porquanto é fonte inesgotável de informação sobre as ilhas, as viagens, a ciência e a fotografia.

A facto deste acervo documental manter-se, até aos dias de hoje, no seu estado quase original deve-se a vários fatores, a saber:

a paz que sempre reinou no arquipélago; a ausência de acidentes vários que infligissem danos ao espólio; e a circunstância do coronel Chaves ter tido uma única filha que, comungando do seu interesse, manteve o acervo de forma unitária e responsável. Após a morte do seu produtor, em 1926, o arquivo fica a cargo da filha Angelina Jácome Chaves que, após falecimento, transita para a filha, única herdeira direta, Margarida Cogumbreiro de Mello. Este acervo foi temporariamente cedido para estudo ao Serviço Meteorológico dos Açores na ilha Terceira, na pessoa do seu diretor e presidente da Sociedade de Estudos Afonso Chaves, o tenente coronel José Agostinho, que granjeava grande confiança da família.

A Sociedade Afonso Chaves foi fundada a 12 de março de 1932, em homenagem ao seu patrono, Francisco Afonso Chaves, por personalidades de destaque nos Açores entre os quais o já referenciado tenente coronel José Agostinho, Alfredo Bensaude e Armando Côrtes-Rodrigues, seu afillhado. Com o objetivo de dar continuidade aos estudos sobre temática açoriana iniciados pelo coronel Afonso Chaves, nas áreas da Meteorologia, Geologia, Botânica, Zoologia, História, Etnografia e Artes Plásticas, esta sociedade edita a revista *Açoreana* e mantém até aos anos sessenta o espólio do seu mentor na ilha Terceira.

A pedido, este acervo documental é então devolvido à família, na ilha de São Miguel, ficando na posse de José Estrela Rego³¹ (casado com a bisneta Maria da Conceição Cogumbreiro de Mello Estrela Rego) que o mantém indiviso e devidamente conservado em duas grandes áreas: fotografia e correspondência.

31. José Paim de Bruges da Silveira Estrela Rego (1929-2004). Personalidade incontornável dos Açores do século XX foi profundo entusiasta e promotor de estudos sobre a história e cultura açorianas, presidente do Instituto Cultural de Ponta Delgada, membro do IAC, do Instituto Histórico da Ilha Terceira e da Sociedade Afonso Chaves. Médico conceituado na ilha de São Miguel, promoveu a edificação do hospital do Divino Espírito Santo, publicou diversos estudos e artigos científicos de temáticas diversas e recebeu a Insígnia Autônoma de Mérito Regional.

No ano de 1994, por intermédio de Luís Saldanha³², José Estrela Rego, promove entusiasticamente o acesso ao acervo documental de Afonso Chaves, acolhendo a conservadora da Biblioteca do Museu Oceanográfico de Mônaco, Jacqueline Carpine-Lancre (1933-2022)³³. Esta investigadora e historiadora do Arquivo do Palácio de Mônaco publica trabalhos diversos que impulsionam o interesse sobre o arquivo e a figura de Afonso Chaves³⁴. José Estrela Rego incentiva o interesse por Afonso Chaves e o seu legado, registando e a importância do mesmo e antevendo a necessidade de estudos mais aprofundados. Entre 1994 e 2004, estimula o trabalho de limpeza e organização de fotografia em vidro, assim como a transcrição de alguma correspondência junto de investigadores e dos descendentes mais novos de Afonso Chaves, permitindo-lhes o acesso e incentivando o conhecimento do mesmo.

32. Luís Saldanha (1937-1997) publicou entre outros o artigo «Le prince Albert 1er. de Monaco et le colonel Afonso Chaves». *Açoreana: boletim da Sociedade Afonso de Chaves* (Ponta Delgada, 1992), pp. 51-56.

33. Jacqueline Carpine-Lancre (1933-2022) foi responsável pela biblioteca e publicações do Museu Oceanográfico de Mônaco por mais de 35 anos, principal especialista na vida e obra do Príncipe Albert I com inúmeras publicações de reconhecido mérito em Mônaco, em França e na comunidade internacional dos historiadores da ciência. O príncipe Rainier III atribuiu-lhe a responsabilidade de transcrever o diário manuscrito do príncipe Albert I em 1996. Historiadora do Palácio por indicação de Albert II em 2006. Promoveu os eventos comemorativos do 150.º aniversário do nascimento do príncipe Albert I em 1998 e esteve envolvida no comité das comemorações de 2022.

34. A este propósito na separata do *Boletim do Museu Municipal do Funchal*, contributo a Luís Saldanha, na pág. 200 cita-se Carpine-Lancre «*devemos à sua memória ajudar João Luís e Iva Cogumbreiro que iniciaram com competência e entusiasmo um trabalho de arquivo e história destinado a valorizar a figura do seu ilustre antepassado*».

A FOTOGRAFIA

Parte significativa do espólio fotográfico de Francisco Afonso Chaves foi depositado no Museu Carlos Machado³⁵, em 1962, por José Estrela Rego, como representante dos herdeiros, com a condição expressa de ser catalogada no prazo de dois anos. O inventário e documentação da coleção³⁶ foi levada a efeito pelo Eng. José Maria Álvares Cabral que, a par de manter a numeração criada pelo próprio coronel Chaves, criou um identificador correspondente à folha do dossier de catalogação, informação essa adicionada a cada uma das caixas do acervo.

Este conjunto inicial, que está disponível no Museu Carlos Machado, é constituído por imagens estereoscópicas, fixadas em gelatina e sal de prata sobre vidro, medindo, cada lâmina, 4,5 x 10,7 cm. A grande maioria deste acervo é constituído por imagens em negativo, correspondendo a um total de 3776 pares estereoscópicos. Deste conjunto, foram produzidas 658 imagens em positivo, também estereoscópicas, totalizando assim 4434 lâminas. Da totalidade do acervo fotográfico fazem parte ainda um considerável conjunto de imagens, unicamente em positivo, ainda não tratadas documentalmente.

Entre 1994 e 1995, foi introduzida em bases de dados a informação do inventário da totalidade das imagens em negativo e todos os exemplares relativos aos Açores. Destes, cerca de 1900, foram reproduzidos fotograficamente, quer em suporte de papel quer em acetato de celulose.

Em 2017, foram acrescentados, ao conjunto inicial depositado em 1962, no MCM, 475 vidros estereoscópicos, quase todos negativos e cerca de 70 monoscópicos, com as dimensões das fotogra-

35. O coronel Afonso Chaves foi o segundo diretor do Museu Carlos Machado a partir de 1901, tendo continuado a obra do seu antecessor Carlos Machado um dos fundadores do Museu em 1876, nas instalações do Liceu com as coleções de zoologia, botânica, geologia e mineralogia.

36. Informação transcrita de: <https://ccmuseus.azores.gov.pt/index.php/Detail/collections/126> [Em linha]. (Consult. 28 jan. 2023).

fias anteriormente ali depositadas. Estas imagens são, maioritariamente, de conteúdo familiar.

O acervo de fotografia de Francisco Afonso Chaves, no Museu Carlos Machado, é atualmente constituído por quase 7.000 fotografias, das quais cerca de 6000 são estereoscópicas³⁷. Tanto as estereoscópicas, como as monoscópicas, são tiradas em placas de vidro. As placas estereoscópicas são feitas com a máquina Vérascoppe, cujas medidas são as já referidas anteriormente. Em menor número, as imagens monoscópicas foram feitas com uma máquina preparada para as placas de 9 x 12 cm. e 18 x 24 cm.

Do ponto de vista cronológico, as imagens do acervo fotográfico de Francisco Afonso Chaves existentes no Museu Carlos Machado foram obtidas entre 1900 e 1925, abrangendo geograficamente todo o arquipélago dos Açores, Madeira, Continente, Moçambique (então região ultramarina) e diversos países, nomeadamente: África do Sul, Alemanha, Bélgica, Espanha, França, Itália, Marrocos, Mónaco, Quênia, Reino Unido, Suíça e Zanzibar.

O acervo fotográfico beneficiou de condições que permitiram digitalizá-lo inserido no projeto desenvolvido por Victor dos Reis³⁸ que o enquadrou, definitivamente, no âmbito da história da fotografia. Contudo, ainda não é possível fazer uma pesquisa em catálogo e associar as imagens aos registos das peças ou do acervo do Museu Carlos Machado. A este propósito foram efetuadas várias pesquisas nos sites do Museu Carlos Machado e na Azoreana³⁹ não tendo sido devolvido resultado significativo: as

37. REIS, Victor; Tavares, Emília. *A imagem paradoxal = The paradoxal image: Francisco Afonso Chaves (1857-1926)... Op. cit.*, p. 12.

38. O projeto museológico incluiu igualmente a realização da exposição intitulada *A imagem paradoxal: Francisco Afonso Chaves (1857-1926)* em três museus com distintas vocações: Museu Nacional de Arte Contemporânea- Museu do Chiado, Museu Carlos Machado e Museu Nacional de História Natural e da Ciência.

39. A *Azoreana-Património Digital Açores* disponibiliza conteúdos digitalizados, ou nascidos digitais, provenientes de diferentes entidades, maioritariamente provenientes de serviços da administração pública da Região Autónoma dos Açores, para fins educativos, de investigação, estudo ou recreativos.

referências existentes sobre Afonso Chaves são relativas a monografias e/ou imagens diversas de publicações periódicas. Não se conhece aliás, nenhum catálogo em linha que devolva resultados sobre este acervo fotográfico relevante para os Açores. Para este trabalho foram usadas cópias das imagens colhidas no âmbito da relação familiar com o acervo fotográfico. Há expectativa que o Museu Carlos Machado faça a disponibilização *online* da totalidade do acervo, num futuro próximo.

A CORRESPONDÊNCIA

Com a intenção expressa de manter o espólio indiviso, mas acessível, José Estrela Rego entregou em 2003 o baú contendo a correspondência, e algumas caixas de fotografias em suporte vidro, ao sobrinho João Luís Cogumbreiro de Melo Garcia, ficando este, informalmente, na condição de fiel depositário. É por iniciativa deste e das herdeiras diretas e bisnetas de Francisco Afonso Chaves, Isabel Maria Cogumbreiro de Melo Garcia e Maria da Conceição Cogumbreiro de Melo Estrela Rego, que o arquivo é entregue em depósito à Biblioteca Pública e Arquivo Regional de Ponta Delgada (BPARPD)⁴⁰, no ano de 2013, com o objetivo de facilitar o acesso a investigadores diversos, integrando-o numa instituição pública de memória. No período que antecedeu a integração da correspondência nesta instituição pública foram efetuadas, por dois investigadores, pesquisas diretas no acervo de correspondência, que estava então na residência de João Luís Cogumbreiro Melo Garcia, na Abelheira de Cima, propriedade da família de Afonso Chaves, referenciada frequentemente neste acervo em particular⁴¹.

40. Informação conferida e transcrita de: <https://arquivos.azores.gov.pt/results?t=afonso%20Chaves> [Em linha]. (Consult. 29 jan. 2023).

41. Várias fotografias do acervo são feitas no mesmo local. Igualmente existiu na Abelheira de Cima uma torre usada como observatório astronómico de Afonso Chaves.

A documentação em depósito na BPARPD é constituída por correspondência recebida no âmbito da vida pessoal e sobretudo da atividade técnica e científica do produtor. Este Arquivo Francisco Afonso Chaves contém 4484 doc., 20 desenhos, 27 provas fotográficas (21 provas p&b em papel de revelação direto, 4 cianotopias, 2 albuminas), produzidos entre 1869 e 1927. Salientam-se como áreas de saber mais mencionadas a meteorologia, a biologia, a botânica, a oceanografia e a sismologia.

Entre os correspondentes presentes no arquivo destacam-se personalidades de renome científico da segunda metade do século XIX a nível internacional e nacional. É o caso do príncipe Alberto do Mónaco e dos seus colaboradores diretos, Jules Richard e Barão Jules de Guerne, Têodores Barrois, Éleuthere Élie Mascart, Fritjof Nansen (Prémio Nobel da Paz), Charles Richet (Prémio Nobel da Fisiologia) ou William Trelease. A nível nacional estão presentes Ernesto Rodolfo Hintze Ribeiro, José Vicente Barbosa du Bocage, Albert Alexandre Girard, Frederico Oom e, num contexto açoriano, os irmãos Canto (Eugénio do Canto, Ernesto do Canto e José do Canto), Amâncio Gago da Câmara (Conde dos Fenaes) e António Borges de Medeiros Dias da Câmara e Sousa (1.º marquês da Praia e Monforte).

Existem ainda alguns textos e impressos sobre temas científicos, acondicionadas pelo produtor em capilhas temáticas, onde se encontra alguma correspondência, relativa ao estabelecimento do telégrafo sem fios nos Açores. Incluem o projeto de viagem à Índia (não concretizada), viagem a África, história natural da ilha das Flores, treino militar, Observatório de Angra e do Pico, viagem de D. Carlos à Graciosa, expedição Gauss, relatório sobre o serviço meteorológico e sobre temas ligados a meteorologia, zoologia, botânica e entomologia.

A documentação encontra-se organizada segundo critérios definidos pelo produtor.

A correspondência recebida está, maioritariamente, disposta em capilhas ordenadas alfabética e cronologicamente. Sistema que é apenas interrompido nas capilhas que tiveram, por par-

te do produtor, uma organização temática ou nas de maços de correspondência, que contêm vários remetentes, as quais foram mantidas.

Existem, em alguns casos, sinais visíveis de que a documentação foi sujeita a arranjos posteriores ao produtor, que quebraram a sequência cronológica ou das capilhas por correspondentes. Nestes casos, sempre que possível, procurou-se recuperar a ordem atribuída pelo produtor, assinalando-se no campo notas ou referindo a perda de ligação à organização inicial.

A pesquisa a este acervo documental de correspondência depositado na Biblioteca Pública e Arquivo Regional de Ponta Delgada está acessível *online* bastando para tal aceder ao catálogo dos Arquivos Regionais dos Açores⁴². No mesmo catálogo, é possível fazer pesquisas avançadas colocando termos de pesquisa.

OS DIÁRIOS

Um conjunto de diários, em forma de almanaque de bolso, que cobrem os anos de 1897 a 1919 é parte constituinte do acervo de Afonso Chaves. Este conjunto documental de 20 volumes continua na posse da família da bisneta Isabel Maria Cogumbreiro de Melo Garcia, sendo depositário, da sua maioria, o herdeiro João Luís Cogumbreiro Melo Garcia. Almanques de edição francesa intitulados *Almanach Hachette: petite encyclopedie populaire*, representaram, provavelmente, para Afonso Chaves a agenda de bolso, medindo 12 x 20 cm, ideal para as suas breves mas objetivas anotações diárias de várias ordens.

Para além de informações de carácter geral e atual, podemos inferir que estas agendas constituíam a base para uma informação

42. <https://arquivos.azores.gov.pt/results?t=Afonso%20Chaves>. [Em linha]. (Consult. 29 jan. 2023). Foram devolvidas 4233 referências a Afonso Chaves mediante uma pesquisa simples no catálogo online. São relativas à correspondência depositada na BPARPD pela família já no século XXI. Todavia ainda não é possível ter acesso às imagens digitalizadas de cada documento.

atual e enciclopédica bastante útil e suficiente para a época. Ne-las é possível encontrar informação diversa, mas fundamentada, como por exemplo, quais são os principais livros do ano ou dados sobre as últimas expedições à Ásia feitas por determinado cientista.

Nos espaços destinados a informações breves sobre os compromissos diários, Afonso Chaves regista, com a sua letra miúda e cursiva, informações quase telegráficas sobre as suas saídas da ilha. Presume-se que tenha registado ao longo dos anos tudo o que não considerasse rotina e que constituísse informação pertinente para os diversos interesses que perseguia. Estes registos são fonte de informação diversa, mas excelente complemento ao acervo fotográfico e documental. Através deles é possível reconstituir as viagens efetuadas, as personalidades com quem Afonso Chaves se encontrou e que assuntos tratou.

Neste registo sistemático reside a permanência do naturalista nas suas viagens ao longo da vida. Tal como a correspondência, trata-se de uma fonte primária de extrema credibilidade uma vez que permite cruzar e confirmar informação.

Estas agendas diárias estão em perfeito estado de conservação tendo sido recorrentemente usadas para verificação de detalhe nos os estudos aqui mencionados pelos vários investigadores⁴³.

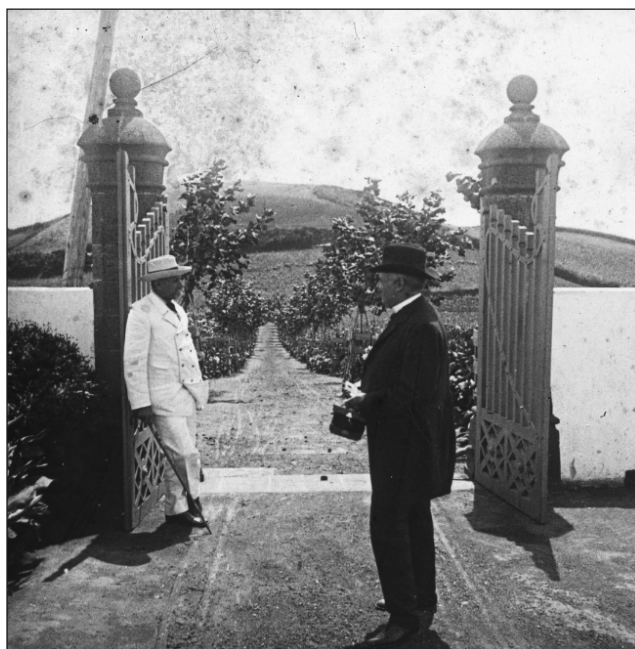
O LEGADO

O trabalho sistemático de Afonso Chaves na produção e recolha de imagens, com fins científicos, conhecimento e pura fruição contribuiu decisivamente para a colocação dos Açores no mundo e ao serviço da ciência. Esta iconografia, de viragem de século,

43. A título de exemplo foram ali colhidas e confirmadas várias informações por J. L. Cogumbreiro para Jaqueline Carpine-Lancreque coordenou a edição comemorativa dos 150 anos do nascimento de príncipe Albert I do Mónaco, intitulada *Des oeuvres de science de lumière et de paix* e publicada pelo Palais de S.A.S. Le Prince, em 1998 no Mónaco.



Aspeto da visita do Príncipe Alberto I de Mônaco, Ponta Delgada, 1904. MCM, Coleção Afonso Chaves, 1444.



Príncipe Alberto I de Mônaco e Afonso Chaves, Fajã de Cima, 1903. MCM, Coleção Afonso Chaves, 5822.



Saída de Lisboa, 1906. MCM, Coleção Afonso Chaves, 1834.



Saída de Lisboa, 1906. MCM, Coleção Afonso Chaves, 2656.

transporta-nos para esse período, que encerra possibilidades, aparentemente paradoxais, de estudo agregando a dimensão estética à científica. A força deste legado remete para a reflexão sobre o papel deste acervo fotográfico na criação da identidade açoriana.

Durante cerca de 30 anos, Afonso Chaves fotografou e estabeleceu contactos com o exterior através de correspondência à qual juntava os seus registos fotográficos. Inscreveu, durante 22 anos, nos seus diários, todas as saídas e acontecimentos que considerava relevantes. A consistência da sua obra representa por si um legado identitário que teve repercussões tanto no exterior, como no próprio arquipélago.

Fazendo parte de uma elite com responsabilidades cívicas acrescidas, Afonso Chaves realizou inúmeras conferências⁴⁴ no Ateneu Comercial de Ponta Delgada, para divulgação de temas relacionados com a ciência que apelava para a especificidade da natureza açoriana. A sua obra e ação contribuiu, portanto, dentro de portas, para a criação de um valor identitário ao partilhar informações científicas e de carácter geral comparativas com outras realidades do mundo que visitava.

A sua correspondência com cientistas e elites, tanto na Europa como nos Estados Unidos, assim como a sua participação em conferências e grupos de estudo fora do arquipélago, reforçou no exterior a dimensão quase intocável, mas ao alcance da mão humana de um paraíso natural, no qual era possível coexistir alguma paisagem moldada pelo homem a par da natureza selvagem e inexplorada.

Homem viajado, nunca deixou de exercer esta dualidade de ação, dentro e fora, a favor da identidade da sua terra, estabelecendo pontes entre saberes e sensibilidades e, igualmente, entre territórios, naquilo que mais personifica o ser ilhéu: a constante interação entre a natureza e o homem.

44. *Relatório do Atheneu Commercial de Ponta Delgada*. Ponta Delgada: Francisco Carlos dos Santos Ferreira, 1907-1910.

Para a edificação de uma identidade açoriana importa, sobremaneira, o facto de Afonso Chaves ter fotografado de forma singular a paisagem dos Açores. Afonso Chaves capta a grandiosidade da paisagem do arquipélago utilizando, maioritariamente, a estereoscopia como «o meio mais aproximado de tradução de uma paisagem intraduzível, daquilo que era descrito por muitos viajantes e outros cientistas como o espaço telúrico e primordial da origem do mundo»⁴⁵. São de Afonso Chaves alguns dos primeiros postais ilustrados dos Açores nos quais são retratadas paisagens e aspetos da urbe açoriana⁴⁶. Foram usados para este fim, sem referência à autoria, conforme elucida a investigadora Emília Tavares, no artigo referenciado, no qual fez a relação do projeto editorial pioneiro de um *Boletim de informação turística*⁴⁷ com a existência de várias impressões fotográficas da autoria de Afonso Chaves, a partir dos originais monoscópicos presentes no acervo do seu afilhado, Armando Cortes-Rodrigues⁴⁸. Este *Boletim de informação turística* previa a sua tradução para alemão evidenciando a sua relação com a firma Cogumbreiro & Companhia, com a qual Francisco Afonso Chaves tem estreita relação, por laços familiares muito próximos. A sua irmã, Angelina da Costa Chaves e Mello era casada com o sócio fundador, José de Medeiros Cogumbreiro. O núcleo familiar de Afonso Chaves era pequeno e unido tal como se observa nas fotos de família. A única filha de Afonso Chaves,

45. TAVARES, Emília. «A arte da paisagem e a sua demonstração científica». In: *A imagem paradoxal = The paradoxal image: Francisco Afonso Chaves (1857-1926)*... *Op. cit.*, pp. 142-146.

46. Fotografias e Postais [diversos]: Material gráfico. [S. l.]: [s.n.], [s. d.], p. 397; BPARPD.

47. *Boletim da Sociedade propagadora de noticias micalenses e Estatutos da Sociedade Propagadora de Notícias Michaelenses fundada sob o alto patrocínio de S.A.S. o príncipe de Mônaco e aprovado por alvará do Governo Civil de 16 de Maio de 1899*. Ponta Delgada: Typolithographia Ferreira & Ca., 1899.

48. Armando Cortes-Rodrigues tem igualmente o seu acervo documental distribuído pelo Museu Carlos Machado e Biblioteca Pública e Arquivo Regional de Ponta Delgada. O acervo fotográfico está depositado no MCM em Ponta Delgada.



*Angelina Chaves e criança, Abelheira de Cima, 1904. MCM,
Coleção Afonso Chaves, 6526.*

Angelina, casa com Francisco Cogumbreiro, que fez estudos na Alemanha, sucedendo o seu progenitor nos destinos da firma.

Os Açores como um destino turístico de enfoque na natureza devem certamente muito desta particularidade a Afonso Chaves. Do vasto espólio fotográfico de Afonso Chaves destacam-se os temas da baleação, da meteorologia e da oceanografia como exemplificativos da inovação do autor na edificação desta identidade açoriana. Foram de Afonso Chaves as primeiras fotografias publicadas do grande mamífero nos Açores, cuja dimensão era até então fantasiada. Hoje, a identidade dos Açores prende-se, necessariamente, com esse contacto possível entre o humano e a natureza. O reconhecimento da importância do anticiclone dos Açores para a Europa tem relação com o estabelecimento dos observatórios meteorológicos neste arquipélago e à ação decisiva de Afonso

Chaves. A geografia remete os Açores para um papel central, tal como expressa a importância dada aos estudos efetuados no Atlântico Norte no discurso de Alberto I de Mônaco em Washington, já citado, no qual se destaca a importância do mar para o planeta. Tal como outrora, a força da construção da identidade das pequenas ilhas dos Açores está no mar, entre a Europa, a América e a África, em a perfeita harmonia entre a natureza e o homem.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- CARPINE-LANCRE, Jacqueline. «Francisco Afonso Chaves: homme de science, homme de bien». *Boletim do Museu Municipal do Funchal (História Natural)*, suplemento n.º 6 (2001), pp. 199-203.
- CARPINE-LANCRE, Jacqueline. *Le prince Albert 1er de Mônaco*. Monaco: Centre Scientifique de Monaco, 2004.
- CHAVES, Afonso; POUCHET, Charles. «Des formes extérieures du Cachatot». *Journal de l'anatomie et de la physiologie de l'homme et des animaux* (Paris, 1890).
- D. Carlos, de Bragança: *a paixão do mar*. Lisboa: Parque Expo 98; Fundação da Casa de Bragança; Marinha Portuguesa, 1996.
- ENES, Carlos. *A fotografia nos Açores: dos primórdios ao terceiro quartel do século XX*. [Angra do Heroísmo]: Presidência do Governo Regional dos Açores, Direção Regional da Cultura, 2011.
- ENES, Carlos. *História da fotografia nos Açores: cultura Açores*. [Em linha]. (Consult. 28 jan. 2023). Disponível na Internet: <http://www.culturacores.azores.gov.pt/aia/fotografia/Historia.aspx>.
- FURTADO, Francisco Arruda. *Materiaes para o estudo anthropologico dos povos açorianos*: Ponta Delgada: [Typ. Popular], 1884.
- MACHADO, Mariano J. *Almanach das Bellas Artes para 1869*. Ponta Delgada: Typ. do Ecco Social, 1869.
- MACHADO, Mariano J. *Uma viagem à ilha de Santa Maria*. [Ponta Delgada]: Typ. M.A. Tavares, 1870.
- REIS, Victor. «The first “scientific photographs” of a sperm whale (1890): Francisco Afonso Chaves and the wonderful inaccuracy of image». *Images re-vues: histoire, anthropologie et théorie de l'art*, n.º 19 (2021). [Em linha]. (Consult. 28 jan. 2023). Disponível na Internet: <https://journals.openedition.org/imagesrevues>.

- REIS, Victor. «O fotógrafo estereoscópico: a descoberta da obra fotográfica de Francisco Afonso Chaves (1857-1926)»: *Estúdio*, vol. 1, n.º 2 (2010), pp. 50-56.
- REIS, Victor; TAVARES, Emília. *A imagem paradoxal = The paradoxal image: Francisco Afonso Chaves (1857-1926)*. [Lisboa]: MNAC-Museu do Chiado, 2017.
- TAVARES, Conceição. *Alberto I do Mónaco, Afonso Chaves e a Meteorologia nos Açores: episódios oitocentistas da construção científica do mundo atlântico*. Ponta Delgada: Sociedade Afonso Chaves; Centro Interuniversitário de História das Ciências e da Tecnologia, 2009.
- TAVARES, Conceição. *O olhar fotográfico de Francisco Afonso Chaves (1857-1926)*. Ponta Delgada: Biblioteca Pública e Arquivo Regional de Ponta Delgada, 2010.
- TAVARES, Emília. «A arte da paisagem e a sua demonstração científica». In: *A imagem paradoxal = The paradoxal image: Francisco Afonso Chaves (1857-1926)*. [Lisboa]: MNAC-Museu do Chiado, 2017, pp. 142-146.